

# O AGUDO E O CRÔNICO: MASCULINIDADE E PARATOPIA EM *SÃO BERNARDO* E “MULHERES”, DE GRACILIANO RAMOS

Erick da Silva Bernardes (UERJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo promove uma leitura comparada da crônica “Mulheres”, que faz parte de Garranchos (2012), coletânea de textos organizada por Thiago Mio Salla, e do romance São Bernardo (2012), ambos de Graciliano Ramos. Sob o aporte teórico de O contexto da obra literária (2001), de Dominique Maingueneau, analisamos os efeitos paratópicos do texto cronístico e romanesco da prosa de Ramos. Baseados na teoria da carnavalização de Mikhail Bakhtin (2001) discutimos a noção de masculinidade e os estereótipos assim revelados pelo discurso literário, bem como a estratégia alegórica de enfoque “machista” para a narrativa ficcional.

**Palavras-chave:** Graciliano Ramos; “Mulheres”; São Bernardo; Masculinidade; Literatura comparada.

A percorrer veredas obsoletas,  
Enxergando cegamente (?)  
Deparo-me com este rosto cáldo,  
Estranho...  
[...]

Por um instante, permaneço paratópico,  
Mirando-a devotamente [...]

(“A menina de Alfred Guillou”. ELESBÃO, Juliane. 2014)

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura Comparada e Teoria Literária do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Também é aluno de Especialização de Estudos Literários da pós-graduação de Letras da FFP-UERJ. E-mail: ergalharti@hotmail.com

## Introdução

Há hoje na literatura certa tendência de pôr em voga uma variedade de elementos recorrentes que, segundo Beatriz Resende (2008), manifestam-se como “sintomas da contemporaneidade”. São exemplos dessas percepções “sintomáticas” as reflexões acerca dos discursos literários e seus registros narrativos, que colocam em xeque estereótipos marcados pelo autoritarismo e manutenção dos dispositivos de controle que reproduzem o discurso machista da tradição judaico-cristã. Essa tendência contemporânea aponta para registros discursivos que revelam um senso crítico sobremaneira refrigerante para a produção literária hodierna, pois, no que tange à emergência dos novos olhares para uma sociedade moderna e “líquida” (Bauman 2001), o fluxo contínuo de transformações culturais desconstrói pré-conceitos nulificantes de sentido e faz girar os saberes, provocando leituras críticas capazes de reinterpretar o mundo ocidental erigido sobre as bases inertes e opressoras unilateralmente voltadas para o “ser” masculino.

Nesse contexto, trazemos à baila o posicionamento de um Graciliano Ramos escritor político e crítico, sob o enfoque da literatura contemporânea. Enfatizamos uma certa antecipação “pós” moderna, no intuito de ressaltarmos, nas abordagens de seus personagens e narradores, peculiaridades, que, lidas contemporaneamente, apresentam-se como modos de atuação intelectual. Tratamos a composição cronística de Ramos, mais especificamente “Mulheres” (sob o viés ficcional), tal qual uma abertura do discurso transgressor do escritor alagoano acerca das ideologias de gêneros, que tradicionalmente saturaram a literatura brasileira. Para tanto, embasamos nossa abordagem no conceito de “paratopia do escritor” proposto por Dominique Maingueneau (2001: 27) em *O contexto da obra literária*, o qual pode ser explicado como a impossibilidade de “se colocar como escritor, sem se definir com relação às representações e aos comportamentos associados a essa condição”. Em outras palavras, o texto literário seria pontuado por rastros paratópicos, ou seja, registros inevitáveis do escritor, distribuídos - consciente ou não - pelas linhas diégéticas da trama ficcional. Alargando a nossa abordagem analítica (e por assim dizer também teórica), evidenciamos, na estética de Graciliano Ramos, um modo de articulação textual marcado pela cosmovisão carnavalesca (Bakhtin 2010), enfim, uma denúncia acerca dos dispositivos de controle, manifestados pelos estereótipos que permeiam os discursos masculinos da realidade brasileira.

Em um primeiro momento, faremos uma abordagem sucinta dos contextos do romance *São Bernardo* (2012) e do texto cronístico “Mulheres”, ambos de Graciliano Ramos. Este último faz parte dos 81 textos reunidos no volume *Garranchos* (2012), livro organizado por Thiago Mio Salla. Na sequência, analisando o discurso romanescos de Ramos, nos debruçaremos sobre a problemática dos estereótipos masculinos evidenciando abordagens desconstrutoras e paratópicas acerca de uma sociedade opressora, sob a égide de um patriarcado de aspectos arcaizantes, revelados principalmente pelo protagonista Paulo Honório. E, por último, atentando para as estratégias de articulação textual sob o aporte alegórico da carnavalização, enquanto mecanismo de atuação intelectual do escritor nordestino, concentramos nossa atenção ao discurso de viés satírico do texto cronístico, considerando-o uma antecipação das questões urgentes de hoje, a saber, autoritarismos no exercício do poder, violência contra a mulher e desigualdade social.

Enfim, esmiuçamos o romance *São Bernardo* (2012) e a crônica “Mulheres” (2012), de Graciliano Ramos, sobre as bases paratópicas das suas narrativas, ou seja, aquilo que Dominique Maingueneau (2001: 27) referirá como espaço em que “o escritor alimenta sua obra com o caráter radicalmente problemático de sua própria pertinência ao campo literário e à sociedade”. Ressaltamos nesse espaço paratópico o escritor Ramos, refletido na fala do narrador homodiegético Paulo Honório e também na voz narrativa do cronista, por meio de enunciados de “alguém cuja enunciação se constitui através da própria impossibilidade de se designar um ‘lugar’ verdadeiro” (Maingueneau 2001: 27).

### Uma breve contextualização

A obra *São Bernardo* é uma narrativa em primeira pessoa que tem como pano de fundo uma sociedade machista latifundiária, marcada pela apropriação dos bens alheios por meio da força física. A prosperidade monetária baseada no acúmulo de capital é motivo que leva o narrador Paulo Honório, personagem principal, à ascensão social e à alienação<sup>2</sup>, no sentido marxista do termo: “o capital se desviava de mim, e persegui-o sem descanso, viajando pelo sertão, negociando com redes, gado, imagens, rosários, miudezas, ganhando aqui, perdendo ali, marchando no fiado, assinando letras, realizando operações embrulhadíssimas” (Ramos 2012: 11).

Dessa forma, ao observamos a ambientação das peripécias do pretensioso fazendeiro rude, forte e vigoroso, nascido e criado em meio aos reveses da vida, sem nem ter certeza da sua real idade, percebemos que os rastros paratópicos do escritor evidenciam-se por si só. Em outras palavras, sabemos que Graciliano Ramos conhecia bem a opressão rural da sociedade nordestina, e a ela se contrapunha. Intelectual atuante que sempre foi, o escritor alagoano postulava rigorosamente contra o comportamento machista do seu entorno sociocultural, como fizera, de forma mais direta e recorrente, enquanto trabalhou como cronista dos principais jornais do país. Conforme o exemplo: “A verdade é que as matutas estão muito mais preparadas que os matutos [...] vão à escola, enquanto os meninos arrastam a enxada ou se exercitam, em calçadas ou bilhares de ponta de rua, para uma vida fácil de malandros” (Ramos 2012: 126).

Sendo assim, longe de nos debruçarmos no já cansado biografismo, direcionamos nossa abordagem a uma zona de encontro paratópico entre escritor, narrador e leitor, em cujo “campo da análise propriamente textual, desenvolvemos [...] uma teoria da ‘comunidade discursiva’, que tenta articular as formações discursivas a partir do funcionamento dos grupos de produtores e gerentes que as fazem viver e vivem delas” (Maingueneau 2001: 30).

Um dos eixos da ação romanesca de *São Bernardo* (2012) gira em torno das torturas físicas e psicológicas que o narrador autodiegético direciona à delicada esposa Madalena. Apesar do foco narrativo, de certa forma, conduzir o olhar do interlocutor para a figura feminina, o enredo mantém-se centrado em Paulo Honório. Desse modo, toda trama discursiva está ligada a ele, trazendo à tona uma estratégia

<sup>2</sup> Para Karl Marx, a alienação refere-se à posição do indivíduo frente à mercadoria. Quando não compreende os mecanismos e modos de produção, bem como o seu papel na composição do valor da mercadoria, o trabalhador revela-se inconsciente com relação aos processos de exploração do capital sobre seu trabalho. Sobre essa ideia, recomendamos a leitura de *O capital*, de Karl Marx (1983: 257).





## O agudo e a aderência paratópica

No âmbito do preconceito assim revelado pelo discurso de dominação de Paulo Honório, ressalta-se o momento em que, após se estabelecer como fazendeiro promissor e sujeito de respeito no meio rural, o protagonista expõe sua "natureza" ideologicamente fundada sobre os alicerces de uma hegemonia genética do "sexo forte", configurada e reprodutora de um modelo de "macho dominante". Conforme: "Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo de saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar" (Ramos 2012: 43).

Portanto, com relação ao item acima, ter nascido homem, de antemão, já confere ao indivíduo uma hierarquia privilegiada na sociedade; o gênero masculino, na opinião do narrador, já vem então ao mundo para dominar: tal como "reina" sobre os "bichos" da sua fazenda, o protagonista pretenderá reinar sobre a futura cônjuge. Por conseguinte, Paulo Honório refere-se como um animal irracional e discorre como se comparasse as duas espécies: "mocinha loura de olhinhos azuis", "miudinha", era Madalena, sua esposa, agradou-lhe pela aparente fraqueza: "De repente conheci que estava querendo bem à pequena. Precisamente o contrário da mulher que eu andava imaginando - mas agradava-me, com os diabos. Miudinha, fraquinha. D. Marcela era bichão. Uma peitaria, um pé de rabo, um toitiço!" (Ramos 2012: 51). Desse modo, à guisa de comparação, o narrador-personagem punha na balança os "produtos" disponíveis à sua escolha, pesando-lhes as diferenças. Para aquele latifundiário, as moças eram similares ao gado posto à venda; conseqüentemente, sua esposa seria perfeita, porque configuraria um passivo objeto de dominação. Honório considerava Madalena alguém fácil de "adestrar" e a enxergava, portanto, como uma excelente aquisição.

Essa "reificação" (Neto 2012) realizada por Paulo Honório, que se apresenta como "todo-poderoso", pode ser resumida em uma única frase, proferida por um dos personagens, o Padilha, ex-proprietário e professor contratado de improviso para a escola da fazenda São Bernardo: "O senhor conhece a mulher que possui" (Ramos 2012: 114). Assim, condensadora de múltiplos sentidos, o tópico frasal em que aparece o nominativo genérico "mulher" e o verbo no presente "possui" poderia ser lido, sobretudo, de duas maneiras: a primeira assumiria uma denotação comum de laço matrimonial, ou seja, quem possui uma mulher, casado está. Entretanto, a segunda percepção semântica da oração em questão teria efeito conotativo, ou seja, o verbo "possuir" chamaria atenção para a reprodução histórica de ideologia opressiva evidenciada pelo texto. Pois, ao "possuir a mulher" compreendemos no enunciado uma inferência acerca do tratamento depreciativo dado ao gênero feminino. Conseqüentemente, à esposa caberia o papel de objeto, pertencente ao senhor latifundiário, de sorte que o marido e soberano das terras da São Bernardo considerava a si mesmo possuidor (ou dono) da personagem Madalena.

Outro aspecto denotativo de comportamento estereotipado do protagonista do romance é a importância monetária atribuída às duas mulheres com quem o narrador mantém contato (Dona Marcela e Madalena), relevância do fator econômico como sugestão de "coisificação" da figura feminina. Notadamente, tudo para a voz narrativa é mensurável, também as suas próprias ações: "Comparei as duas, e a importância da minha visita teve uma redução de cinquenta por cento" (Ramos 2012:

49). Nesse ínterim, considerando o que se sucede após Madalena casar-se com Paulo Honório e ir morar na São Bernardo, percebemos na trama que ela passa a constituir oficialmente uma empregada a mais do marido, com salário fixado até em folha de pagamento. E, quando adere ao quadro de empregados assalariados da máquina de agronegócios que é o latifúndio do esposo, a mulher mostra-se peça efetiva em duas instituições, a saber: a fazenda e o casamento, apresentando, enfim, no enredo uma espécie de supervalorização do capitalismo. Em seu livro *Histórias íntimas, sexualidade e erotismo*, Mary Del Priore (2011: 32) levanta a questão concernente às manifestações conjugais da sociedade patriarcal: "E como funcionava o matrimônio?". Com esta pergunta, se tomarmos os argumentos de Del Priore (2011: 32) acerca da procriação da mulher, o duplo sentido de objetivação do gênero feminino, reforçado pela nossa análise, assume outro aspecto temático do romance de Ramos:

Os casados desenvolviam, de maneira geral, tarefas específicas. Cada qual tinha um papel a desempenhar diante do outro. Os maridos deviam se mostrar dominadores, voluntariosos no exercício da vontade patriarcal, insensíveis e egoístas. As mulheres, por sua vez, apresentavam-se como fiéis, submissas, recolhidas. Sua tarefa mais importante era a procriação. É provável que os homens tratassem suas mulheres como máquinas de fazer filhos, submetidas às relações sexuais mecânicas e despidas de expressões de afeto. Basta pensar na facilidade com que eram infectadas por doenças venéreas, nos múltiplos partos, na vida arriscada de reprodutoras. A obediência da esposa era lei.

Assim, seja pela função de assalariada, seja pela condição de opressão que é imposta à vida conjugal de Madalena, o que nos salta aos olhos quando nos apropriamos das ideias supracitadas é que tanto a sociedade, quanto o ambiente ficcional criado por Graciliano Ramos assemelham-se muitíssimo ao contexto histórico do autor de *Vidas Secas* (1936). A mulher era uma "máquina de parir", tinha filhos como se fossem encomendados, até nas aparências a prole deveria apresentar as características semelhantes às do pai. Caso os traços paternos não fossem evidentes, a desconfiança de um possível adultério revelava-se sobremaneira: "Enfim certeza, certeza de verdade, ninguém tem. Que diria seu Ribeiro? Que diria d. Glória?" (Ramos 2012: 105). Isso tudo revela, já naquela época, além do ciúme devastador, uma preocupação crescente com a imagem, isto é, com os impactos das questões íntimas que serviram (e continuam a servir) como assunto frequente em meio ao público. A imagem do "macho-dominante" não poderia ser em hipótese alguma posta em dúvida por aqueles que conviviam socialmente com Paulo Honório, e que viriam a ser escolhidos como auxiliares na composição da história de *São Bernardo*: Padre Silvestre, João Nogueira, Arquimedes, Azevedo Gondim, e até o seu opositor Costa Brito. Nota-se que, não obstante a variedade de personagens periféricos, o ambiente público, de relacionamento social do fazendeiro, figura central da trama, compõe-se primordialmente de figuras masculinas apenas.

Por essa perspectiva, a representação ficcional romanesca apropria-se de elementos da opinião corrente dos homens daquele período e demonstra um propósito artístico de "transgressão dos limites" (Iser 2002) da realidade nordestina



experimentada, sob uma ênfase trágica, muito próxima de uma poética do desencanto. Ao passo que, no espaço intervalar do campo paratópico enunciativo, Graciliano Ramos subliminarmente reclama um projeto social mais humano, sem que se esgote na descrição dessa realidade, pois a configuração fictícia do texto ficcional não tem a descrição do real como finalidade em si mesma, mas sim a obra literária enquanto produto artístico privilegiado pelo imaginário.

Estendendo o problema dos rastros paratópicos sob as linhas diegéticas do romance *São Bernardo*, notamos, nesse procedimento, um indicativo ou manobra de atuação intelectual - como fizera Graciliano Ramos em todo seu projeto poético. Em nossa percepção teórica, concordamos com Wander Miranda (2004: 8) que, de modo geral, o artista alagoano cria um mundo no qual "literatura e experiência confundem-se", e que (para nós) a construção da identidade masculina em *São Bernardo* apresenta-se como um fator social mais que perceptível, com fiel manejo da linguagem na trajetória artística. Contudo, ora de maneira mais latente, ora de modo mais velado, podemos postular em favor de um espaço paratópico recorrente em suas narrativas:

[...] como se fossem a urdidura de uma trama comum. Romances, memórias, contos e textos circunstanciais (que) parecem repetir a afirmação do escritor - 'Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou' -, chamando a atenção para o espaço autobiográfico em que sua obra se insere. À primeira vista parecerá uma perspectiva restrita, encerrada nos limites de uma subjetividade que reduz o mundo a dimensão muito particular ou a visão demasiadamente referencial. Mas, à medida que avançamos na leitura [...] traços da personalidade do autor e episódios de sua vida pessoal aparecem fortemente marcados - pela via da ficção ou da biografia - nossa expectativa se transforma (Miranda 2004: 8-9).

Sem rodeios retóricos, entendemos que é justamente nesse espaço intermediário entre vida e obra que a atividade intelectual do escritor aponta para a desconstrução dos valores culturais erigidos sobre o conceito da masculinidade. São Bernardo, portanto, representaria essa possibilidade de recriar outra realidade, autônoma e ficcional, aproveitando elementos do cotidiano regional brasileiro e ampliando-o ao universal humano pela linguagem literária. Por outro lado, artífice da palavra que é, Graciliano Ramos dispõe de um procedimento ficcional que, conforme Dau Bastos (2010), configuraria um bifrontismo, mostrando-se "especialmente fecundo no enfrentamento de certas questões que, por mais literárias que se apresentem, têm um caráter claramente político, como o controle do imaginário" (Lima; Bastos 2010: 40). Mesclando então o discurso masculino, na voz de Paulo Honório, ao efeito de metalinguagem engendrado pelo escritor, a aderência paratópica enunciativa apresenta-se como indicativo de seu posicionamento crítico, sem perder de vista seu plano estético:

Essa conversa, é claro, não saiu de cabo a rabo como está no papel. Houve suspensões, repetições, mal-entendidos, incongruências, naturais quando a gente fala em pensar que aquilo vai ser lido.

Reproduzo o que julgo interessante. Suprimi diversas passagens, modifiquei outras [...] Ficaram muitas, as que as minhas luzes não alcançaram e as que me pareceram úteis. É o processo que adoto: extraio dos acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço. Ora vejam. Quando arrastei Costa Brito para o relógio oficial, apliquei-lhe uns quatro ou cinco palavrões obscenos. Esses palavrões, desnecessários porque não aumentaram nem diminuíram o valor das chicotadas, sumiram-se, conforme notará quem reler a cena da agressão, cena que, expurgada dessas indecências, está descrita com bastante sobriedade (Ramos 2012: 59).

Logo, nota-se que, por meio de enunciados marcados com o carimbo simbólico das ideologias masculinas dominantes, as obras se inscrevem nas sociedades. Implodem-se conceitos antiquados e preconceituosos, pois “a obra literária ao apresar e reordenar aspectos próprios da sociedade de que se origina, torna-se um veículo propício a provocar reflexão acerca dessa mesma sociedade” (Helena 2015: 24).

A par disso, a prática de linguagem adotada por Graciliano Ramos pode ainda ser relacionada à atitude transgressora das estruturas ideológicas masculinas pela própria superestrutura textual, modelo narrativo escolhido pelo narrador-personagem no intuito de “fazer reviver” aquela mulher (Madalena) que por ele se matou. Em outras palavras, se o gênero romanesco caracteriza-se por apresentar sequências diegéticas sob uma “sucessão temporal\causal de eventos”, obviamente haverá “sempre um antes e um depois, uma situação inicial e uma situação final, entre as quais ocorre algum tipo de modificação de um estado de coisas” (Koch 2014: 63), ou, pelo menos, o que é menos óbvio, uma pretensão a essa modificação.

Por outro lado, ao narrar a própria ascensão e decadência econômica, no vai e vem retrospectivo do fluxo da memória, Paulo Honório, indiretamente, cria um espaço intervalar nos interstícios do discurso: “Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas” (Ramos 2012: 144). Voltando-se para o texto da “sua” vida, o discurso do protagonista fazendeiro permite-nos vislumbrar, sob a articulação da linguagem, marcas de um Ramos atuante, que implode a construção simbólica do patriarcado nordestino pela descrição decadente do poder econômico personificado pela figura de Paulo Honório. O personagem machista que pretende-se autor “é alguém que perdeu seu lugar e deve, pelo desdobramento de sua obra, definir um outro, construir um território paradoxal através da sua própria errância” (Maingueneau 2001: 185). Pela transgressão - inicialmente tecida sob a desestabilização do transcurso do tempo - a narrativa romanesca em questão ultrapassa os limites estruturais tradicionalmente marcados pela regularidade dos verbos de ação durativos e predomínio dos advérbios temporais, dando lugar aos verbos iterativos aplicados no presente ou no infinitivo. Evidencia-se, assim, um *continuum* mais próximo do “estado” das coisas do que da “ação” propriamente realizada, de uma denúncia ainda que velada acerca da estagnação do comportamento social. Enfim, um viés politizado, questionador no tratamento da linguagem literária em que a obra de Graciliano Ramos se encerra.

Do estrito ponto de vista do procedimento estético - estratégia transgressora da política de gêneros - encaminhamos nosso olhar para o manejo da escrita,











Portanto, podemos afirmar que a pendência da questão do machismo na sociedade fica liquidada para o enunciador: "Vão agora pensar que esses homens continuarão a atrapalhar a política e a administração do Estado. Não continuarão. Os municípios serão dirigidos por mulheres [...] já elas dominavam à socapa no tempo em que só homem podia votar" (Ramos 2012:127). Enfim, por meio de um arremate prenunciador de um futuro trágico, muito próximo do nosso cotidiano pós-moderno, caso as ideologias dominantes da masculinidade não sejam revistas, Graciliano Ramos paratopicamente transita no paradoxo da escritura de viés realístico por meio da ficção.

### Considerações finais

Ao analisarmos a poética de Graciliano Ramos, compreendemos que o enfoque ideológico masculino do discurso autoritário estabelece padrões comportamentais no que tange ao narrador do romance *São Bernardo* (2012). No entanto, a abordagem paratópica da crônica "mulheres" desconstrói esses mesmos arquétipos preconceituosos dos valores tradicionais do patriarcado brasileiro, que perpetuam a política de gêneros masculinos na sociedade, e servem de matéria literária para o discurso ficcional. Se, por um lado, a voz onisciente de Paulo Honório ilustra essa construção histórica de dominação pela força física e poder econômico que subjaz a sociedade patriarcal do enredo de *São Bernardo*, por outro lado, a narrativa do Graciliano Ramos cronista denota claramente sua posição contrária ao discurso predominantemente machista da sociedade nordestina na época em que o texto "Mulheres" foi publicado.

Assim, visamos a abordagem alegórica por dois vieses. O primeiro, em *São Bernardo*, sob o manejo dramático dos excessos machistas de um latifundiário viril e posteriormente decaído. E o segundo em "Mulheres", tecido sob o plano satírico e corrosivo de uma voz narrativa que parece descontente com a sociedade medíocre em que vive. À guisa de exemplo, enfatizamos na trama romanesca o ciúme excessivo que levou a esposa ao suicídio, consequência da alienação intelectual de Paulo Honório. Entretanto, legitimando a nossa abordagem, buscou-se deixar claro aqui, conforme Luiz Costa Lima (2010: 53), que, se tratamos pejorativamente Paulo Honório como a encarnação do discurso marxista e machista, nos limitamos a fazê-lo apenas como "ilustração de um conceito previamente estabelecido" e hegemônico da tradição judaico-cristã. Compreendendo, em contrapartida, que o discurso cronístico de "Mulheres" confronta o ideário social e histórico por meio da sátira e da comicidade carnavalesca do cotidiano imediato nordestino.

Enfim, trouxemos à tona uma discussão acerca do fazer literário de Graciliano Ramos no que concerne à masculinidade e aos estereótipos assim revelados pelo discurso, bem como a estratégia alegórica de enfoque "machista" da narrativa ficcional. Nosso alvo foi a análise e a exposição do sistema de manutenção da ideologia masculina sob o traçado artístico romanesco, comparando-o ao texto cronístico, quer pelas relações privadas dramáticas deflagradas por um latifundiário autoritário e seus desdobramentos, quer pela disposição social da comunidade de "matutos" preconceituosos revelados pela obra literária.

## ACUTE AND CHRONIC: MASCULINITY AND PARATOPIA IN SÃO BERNARDO AND "MULHERES", BY GRACILIANO RAMOS

**Abstract:** This paper presents a comparative literature of the chronicle "Mulheres", that is part of *Garranchos* (2012), text collection organized by Thiago Mio Salla, and the novel *São Bernardo* (2012), both belonging to Graciliano Ramos. According to the theoretical support of *O contexto da obra literária* (2001), by Dominique Maingueneau, we analyse the context of the chronicle and the novel text from Ramos's prose. Based on the Mikhail Bakhtin's theory (2001) of carnivalization, we discuss the idea of masculinity and stereotypes exposed by the literary discourse, as well as the allegorical strategy with a "male chauvinistic" approach to the fictional narrative.

**Key-words:** Graciliano Ramos; "Mulheres"; *São Bernardo*; Masculinity; Comparative literature.

### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.

ELESBÃO, Juliane; RAMOS Isaac Almeida. "A menina de Alfred Guillo". RAMOS, Isaac Almeida (Org.). *Poesia Livre - 2014: concurso nacional novos poetas*. Fortaleza: Vivara, 2014. Disponível em: <<http://raymundo-netto.blogspot.com.br/2014/11/a-menina-de-alfred-guillo-de-juliane.html>>. Acesso em: 31 dez. 2015.

HELENA, Flávia. *O fabricante de textos*. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2015.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. vol. 2. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

KOCH, Ingedore, *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LIMA, Luiz Costa; BASTOS, Dau (Org.) *Luiz da Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor e sociedade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004.

NETO, Godofredo de Oliveira. Posfácio. In: RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 4 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

PRIORE, Mary del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. Disponível em: <<http://lelivros.website/book/download-historias-intimas-sexualidade-e-erotismo-na-historia-do-brasil-mary-del-priore-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 02 jan. 2016.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 4 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

RAMOS, Graciliano; SALLA, Thiago Mio (Org.) *Garranchos*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira do século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Prefácio. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Seleção). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

---

ARTIGO RECEBIDO EM 19/01/2016 E APROVADO EM 11/04/2016